

**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO - FAALC**

ARTES VISUAIS – LICENCIATURA

Marcela Milena Martins Romão

O conhecimento sensível no ensino de artes visuais

Campo Grande/MS
2023

**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO - FAALC**

ARTES VISUAIS – LICENCIATURA

Marcela Milena Martins Romão

O conhecimento sensível no ensino de artes visuais

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Artes Visuais Licenciatura da Faculdade de Artes, Letras e Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul como parte dos requisitos para a obtenção de título de licenciada em Artes Visuais.

Orientador: Prof. Dr. Paulo César Antonini Souza

Campo Grande/MS
2023

AGRADECIMENTOS

Quero expressar os meus agradecimentos, em primeiro lugar, aos meus pais, que estiveram sempre presentes, apoiando-me e orientando-me ao longo deste percurso. Eles desempenharam um papel fundamental para me auxiliar na tomada de decisões importantes e ao oferecer seu acolhimento nos momentos em que eu duvidava de minha capacidade de obrigações.

A todos os meus amigos que fizeram parte do meu percurso acadêmico, quero expressar minha gratidão. Vocês se mostraram pessoas incríveis, criando um ambiente onde eu sinto vontade de ser autêntica, explorar e desenvolver minha identidade. O apoio constante que recebi de vocês, independentemente das mudanças de direção, dos novos interesses e passatempos que surgiram ao longo do tempo, foi inestimável. A forma como me acolheram é realmente incrível e significativa para mim.

Particularmente, quero expressar minha profunda gratidão a Kamilla, Mayra, Gabriella, Yolanda e Luana. Essas amigas estiveram sempre ao meu lado, me apoiando e mostrando que sou uma pessoa incrível, mesmo nos momentos em que eu não acreditava mais em mim. Rimos juntos ao longo das adversidades da faculdade, compartilhamos risadas e alegrias que fizeram esse período desafiador mais leve. Sou imensamente grata por todos os conselhos valiosos e puxões de orelha que recebi. Sem a presença delas, tenho certeza de que essa jornada teria sido muito mais difícil.

Ao meu estimado professor e orientador, Paulo Antonini, quero expressar minha profunda admiração e carinho, bem como meu sincero agradecimento por tudo que você fez por mim ao longo da minha formação e durante o período de orientação. Suas orientações, puxões de orelha e conselhos foram inestimáveis. Além disso, quero destacar a dedicação que você demonstra em suas aulas. Você é, sem dúvida, um dos maiores exemplos que encontrei ao longo da minha jornada acadêmica.

Gostaria de agradecer aos professores que compõem a banca, Antonio Junior, mesmo em nosso curto período de interação, pude ver o quão incrível, não só como pessoa, mas em suas aulas. Além disso, desejo expressar minha gratidão à Professora Rozana Valentim, por me mostrar o quão fantástico é o ensino de arte e como podemos fazer a diferença nessa profissão tão fundamental para a vida de todos.

À Maria Alice, que desempenhou um papel fundamental em minha jornada acadêmica, transmitindo todo o conhecimento que agora possuo sobre cerâmica, tem a minha

mais profunda gratidão. Além de ser uma excelente professora, é uma amiga valiosa que carrego comigo para o resto da vida, agradeço por todos os conselhos, puxões de orelha, pelas conversas enquanto tomávamos café, pela sua companhia constante.

RESUMO:

Esse trabalho de Conclusão de Curso busca refletir sobre os processos criativos através das autoras Fayga Ostrower (1983) e Cecília Almeida Salles (2006) os caminhos que ele nos possibilita e como nossa percepção nos limita o que somos capazes de sentir e compreender. Além disso, a pesquisa visa refletir sobre o ensino de arte, enfatizando a importância da sensibilidade e da expressão pessoal através de duas cerâmicas que produzi no decorrer do percurso da pesquisa. Para além de que os alunos possam se apropriar da arte para compreenderem a si mesmos, desenvolverem sua percepção sobre o mundo a sua volta e aos poucos entenderem seus valores dentro da sociedade, serem racionais e críticos. Por fim, a pesquisa busca através de procedimentos metodológicos qualitativos, com uma abordagem fenomenológica estabelecer uma ligação entre a pesquisa teórica e a prática em sala de aula, enfatizando também a importância da sala de aula como um ambiente acolhedor para o desenvolvimento da criatividade dos alunos, por meio das experiências que foram obtidas em uma oficina com alunos do segundo ano de uma escola municipal de Campo Grande - MS.

PALAVRAS-CHAVE: Percepção, cerâmica, processos criativos, intervenção pedagógica.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Estudo de anatomia, 2016.....	09
Figura 2: Susano Correia (São Paulo, 1989). Cante para mim, 2014. Desenho grafite s/papel, [?] cm.....	12
Figura 3: Estudo de observação da Praça Ary Coelho, 2019.....	16
Figura 4: Esboço digital, 2021.....	16
Figura 5: Marcela Milena (Campo Grande - MS, 2001). Toque, sinta e veja, 2023, Cerâmica [?] cm.....	20
Figura 6: Marcela Milena (Campo Grande - MS, 2001). Você precisa parar!, 2023, Cerâmica [?] cm.....	22
Figura 7: Registro dos alunos manipulando a argila, 2023.....	32
Figura 8: Registro da aluna utilizando o engobe para pintar sua placa, 2023.....	33
Figura 9 e 10: Registro da peça de um aluno, antes e após a queima, 2023.....	34

SUMÁRIO

Introdução	04
1 - O artista e o processo criativo	10
2 - Um processo para chamar de meu: Um olhar para além do visível.....	20
3 - Um processo onde posso me encontrar na Metodologia	29
Considerações	37
Referências	38
Projeto de Curso para o Ensino de Artes Visuais	40

Introdução

Durante o percurso do curso de Artes Visuais - Licenciatura, deparei-me com uma série de reflexões profundas a respeito do que é ser artista, como poderia me desenvolver nesse meio da arte, quais caminhos eu escolheria e através dele como eu levaria tudo que aprendi para dentro da sala de aula. Conheci diversas linguagens nas quais nunca poderia imaginar experimentar, algumas tive mais afinidade e outras nem tanto, foi um caminho no qual pude ver o que eu realmente queria me aperfeiçoar e como poderia fazer isso. Passei por momentos onde me sentia perdida e desmotivada diante desse processo, não conseguia me sentir satisfeita com o que eu fazia e por um tempo fiquei sem produzir nada.

Para Ostrower (1983), o processo é um espaço de descoberta, aprendizado e transformação pessoal, influenciadas por nossas vivências, experiências culturais e individuais. Suas reflexões nos inspiram a compreender como esses processos são essenciais para a expressão autêntica e a evolução artística.

Cecília Almeida Salles (2006), por sua vez, explora diferentes aspectos e perspectivas relacionados aos processos criativos. Ela reconhece a relevância da experimentação, pesquisa e reflexão no desenvolvimento da criação artística. Além disso, Salles encoraja os artistas a estarem abertos a novas ideias, técnicas e materiais, incentivando-os a explorar caminhos menos convencionais e a sair da zona de conforto. Suas abordagens complementam e dialogam com as reflexões de Ostrower, proporcionando uma visão mais abrangente dos processos criativos.

Com o tempo percebi que era fundamental adquirir um entendimento mais profundo sobre a arte e seus processos criativos, caso eu desejasse aperfeiçoar minha própria prática e, ao mesmo tempo, estar apta a ensinar de maneira eficaz, precisava compreender o assunto com profundidade. É entender que a teoria e a prática caminham juntas e quando levamos essa compreensão para a sala de aula é essencial pensar numa experiência que toque os estudantes de alguma forma, pensando que a arte não é só externa, ela toca nosso interior de alguma forma, junto com a nosso repertório, nossas vivências.

A escola, como espaço de ensino e aprendizagem sistemático e intencional, é um dos locais onde os alunos têm a oportunidade de estabelecer vínculos entre os conhecimentos construídos e os sociais e culturais. Por isso, é também o lugar e o momento em que se pode verificar e estudar os modos de produção e difusão da arte na própria comunidade, região, país, ou na sociedade em geral. Deste modo, o aprendizado da arte vai incidir sobre a elaboração de formas de expressão e

comunicação artística (pelos alunos e por artistas) e o domínio de noção sobre a arte derivativa da cultura universal. (FERRAZ, FUSARI. 2009, p. 19)

Dessa forma, ao levarmos para a sala de aula diversas formas de arte, produzidas por culturas, pessoas e períodos históricos diferentes, ampliamos o repertório e a concepção de arte dos estudantes, conferindo-lhe significado. Isso permite que eles se apropriem dessas diferentes influências e, aos poucos, busquem expressar sua própria individualidade por meio de suas criações. Afinal, o processo criativo é uma conjunto de etapas, onde ideias, sentimentos, experiências e vivências sociais e culturais se conectam, resultando em algo que satisfaz o "eu" interior de cada um.

A partir dessas reflexões que se manifestaram ao longo do curso de Artes Visuais - Licenciatura, surgiu a motivação para realização desta pesquisa, que por meio do meu percurso do meu processo criativo pude compreender, mesmo que de forma superficial a importância de pensar sobre o ensino de arte. meu objetivo é refletir sobre a importância do ensino de arte, pensando que a escola não cria artistas, ela é uma educação da sensibilidade, que por meio dela podemos encontrar ou esclarecer suas próprias potencialidades, mostrando outras formas de leitura de mundo e expressão pessoal, seja ela plástica, sonora, dramática e verbal dessa leitura, é um ensino que não estagna ela continua no decorrer da vida (MARTINS, 1992).

Assim, este Trabalho de Conclusão de Curso apresenta além desta introdução, o **Capítulo 1: O artista e o processo criativo**, que fala sobre o papel do artista e seus processos criativos, envolvendo minhas experiências ao longo do meu percurso no curso de Artes Visuais - Licenciatura com reflexões teóricas de autoras como Fayga Ostrower, que em sua abordagem sobre a criação artística, enfatiza a importância dos processos no contexto da criação artística.

Na continuidade da pesquisa, no **Capítulo 2: Um olhar para além do visível**, é desenvolvida uma reflexão sobre a importância da arte e das experiências artísticas dentro da sala de aula em um diálogo com duas obras minhas em cerâmica, que busco como referência sobre a importância de cultivar o olhar sensível dos alunos. Posteriormente no **Capítulo 3: Um processo onde posso me encontrar na Metodologia**, é dada ênfase à importância de um ambiente acolhedor e encorajador, onde os alunos sintam-se livres para explorar, arriscar e aprender com os erros. A metodologia da pesquisa é qualitativa (BOGDAN; BIKLEN, 1994), com abordagem fenomenológica em busca de compreensões particulares do tema escolhido, levando em consideração as minhas experiências e vivências.

Ao final, após as **Considerações**, será desenvolvido um projeto de curso para o ensino de artes visuais¹ com o **tema "Os sentimentos na arte: o artista e o processo criativo"**, será elaborado uma sequência de dez aulas utilizando como base essa pesquisa, que servirá como uma ponte entre a pesquisa teórica e a prática em sala de aula, oferecendo uma abordagem embasada e significativa para o desenvolvimento da criatividade dos alunos.

¹ O projeto de curso para o Ensino de Artes Visuais envolve a construção, no curso de Artes Visuais Licenciatura da Faculdade de Artes, Letras e Comunicação na UFMS, de uma sequência didática com dez aulas a partir do tema de pesquisa dos formandos e subordinado à Resolução CNE/CES nº 1, de 16 janeiro de 2009, disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2009/rces001_09.pdf.

1 - O artista e o processo criativo

A arte sempre me acompanhou, seja nas nuances do cotidiano, nas interações com as pessoas e nos olhares do que me cercava, era como um refúgio, uma expressão autêntica de minha identidade e uma necessidade intrínseca que emergia constantemente, acompanhada pela busca incessante de aprendizado e compreensão do meu entorno.

Essa necessidade trazia consigo um potencial ainda adormecido, profundamente enraizado e sensível, que se manifestou ao longo da minha vida, proporcionando uma série de vivências, experiências e um desejo pela criação, inicialmente adormecido, que foi gradualmente fortalecido ao longo do tempo, moldado por influências que, embora já não sigam o mesmo caminho, desempenharam um papel fundamental no meu desenvolvimento

Recordo-me, como se fosse ontem, do momento em que meu tio compartilhou comigo alguns dos desenhos que produzia durante seu tempo livre e eu contemplava com um grande entusiasmo. Era uma experiência nova, que despertou em mim um profundo desejo de aprender, uma chama que crescia gradualmente.

À medida que eu seguia essa jornada, familiarizei-me com as palavras, formas, cores e objetos que constituíam o mundo ao meu redor. Meus pensamentos começaram a se entrelaçar, conectando ideias e sentimentos, mostrando-me novas perspectivas e possibilidades de um mergulhar rumo ao desconhecido.

Na infância, eu não compreendia completamente o significado de ser uma artista, ou mesmo de seguir o caminho da educação artística, no entanto, a curiosidade estava presente, me levando a aprofundar meu entendimento sobre a arte. Com o passar do tempo, essa curiosidade cresceu, e minha professora se tornou uma inspiração para meu futuro. Observando atentamente suas aulas e como ela me introduzia ao universo das tintas e da criação artística no papel, a ideia de me tornar uma professora na área ganhou força gradualmente, e eu ansiava por seguir os passos dela, o que anos depois, tornou-se realidade.

Ao longo do curso de Artes Visuais, tive a oportunidade de explorar diversas maneiras de incorporar minha visão de mundo nas obras que criava, seja por meio de ilustrações, pinturas ou cerâmicas. Percebi que ser artista vai além da criação de obras de arte; é uma forma de viver, de aprender a enxergar o mundo sob uma perspectiva única. É encontrar significado e beleza em cada experiência, é respirar arte e ser capaz de compartilhar uma parte única e autêntica de si mesmo com o mundo. Nesse sentido, Fayga Ostrower (1987) aponta:

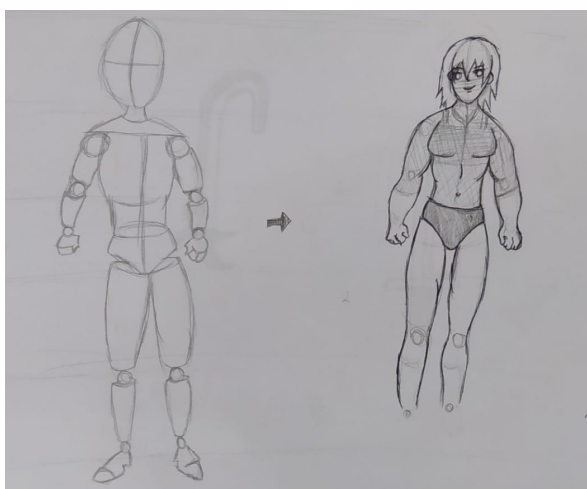
Criar não representa um relaxamento ou um esvaziamento pessoal, nem uma substituição imaginativa da realidade: criar representa uma intensificação do viver, um vivenciar-se no fazer; e, em vez de substituir a realidade, é a realidade; é uma realidade nova que adquire dimensões novas pelo fato de nos articularmos, em nós e perante nós mesmos, em móveis de consciência mais elevados e mais complexos. Somos, nós, a realidade nova (p. 28).

Apesar dessa tônica romantizada, destaco também que, ser artista requer dedicação, prática e uma busca constante pelo aprimoramento das habilidades e técnicas. A arte revelou-se complexa, e muitas vezes não é necessário atribuir significados ou propósitos predefinidos no momento inicial da criação. Às vezes, em momentos de devaneio, surgem fagulhas de ideias, permitindo que o papel em branco ganhe forma com ideias e significados fluindo durante o processo criativo.

Criar nunca foi, e ainda não é, uma tarefa fácil, há momentos em que as ideias simplesmente não se materializam conforme desejado, seja devido à falta de técnica ou prática. Muitos desenhos foram abandonados ou descartados em momentos de frustração, quando não atingiram os resultados desejados. No entanto, aprendi que mesmo o que inicialmente me desagradava deveria ser preservado, para que, no futuro, pudesse rever com mais calma e apreciar o quanto evoluí.

De vez em quando, me pego folheando um caderno datado de 2016, repleto de desenhos simples. Naquela época, estava nos estágios iniciais de aprendizado, como muitos adolescentes da minha idade que usavam personagens de desenhos japoneses como inspiração para treinar. Lembro-me de seguir tutoriais no YouTube, tentando reproduzir técnicas apresentadas, como mostrado na Figura 1.

Figura 1: Estudo de anatomia, 2016.



Fonte: Acervo pessoal.

Durante o período dos meus estudos, eu não conseguia imaginar a ideia de criar algo genuinamente original. Meu estilo de desenho estava fortemente influenciado pelo que eu observava e pelas referências limitadas que eu tinha à minha disposição naquela época. Olhando para trás, percebo que essa transformação aconteceu em um espaço de tempo relativamente curto, porém, as mudanças e evoluções foram notáveis. Minha percepção da arte e do mundo passou por transformações, as quais foram moldadas não somente por minhas próprias escolhas, mas também pelas influências das pessoas que me cercavam.

Percebo que essas mudanças e escolhas têm sido e continuam sendo uma busca constante pelo meu estilo pessoal, apesar de não obter resultados imediatos, é um caminho que me proporciona uma descoberta sobre mim mesma, uma possibilidade do que eu posso vir a ser e pela minha identidade única (OSTROWER, 1995).

Essas experiências ressaltam como a percepção individual molda a realidade que experimentamos, sendo influenciada por nossas vivências, experiências e estímulos sensoriais. Muitas vezes, de maneira inconsciente, damos prioridade a certos estímulos e informações, por exemplo, ao nos depararmos com uma variedade de objetos em uma loja, nossa mente instintivamente prioriza cores que nos atraem, objetos diferentes e materiais que nos agradam, como xícaras relacionadas a uma série que assistimos ou tapetes engraçados para decorar a entrada da nossa casa. Da mesma forma, em uma música podemos nos sentir atraídos por uma batida específica, pelo modo como alguém toca um instrumento ou até mesmo por uma palavra que evoca uma sensação que vai além de seu significado literal.

A percepção nos apresenta um mundo ainda desconhecido, cheio de significados que precisam ser explorados, tanto pela mente quanto pelo corpo, pois envolve estímulos sensoriais pelas quais compreendemos o mundo exterior. Trata-se de uma busca constante de autodesenvolvimento no mundo, na qual buscamos compreender a nós mesmos, explorando nossas preferências, estilos e gostos, procurando uma harmonia e beleza na universalidade da natureza (OSTROWER, 1988). Esses aspectos fundamentam a maneira como interpretamos e atribuímos significados ao mundo que nos cerca.

O artista busca constantemente se desenvolver e criar algo novo e na maioria das vezes com o objetivo de transmitir sentimentos e sensações por meio da imagem. No entanto, é importante ressaltar que nem sempre suas obras alcançaram o espectador da mesma forma, uma vez que cada experiência é subjetiva e pode variar de acordo com as vivências e experiências individuais de cada pessoa. Por exemplo, a felicidade pode ter significados diferentes para cada indivíduo, podendo estar relacionada a uma caminhada no fim da tarde,

ouvir uma música ou realizar tarefas domésticas. Cada pessoa aprende e atribui significados às palavras ao longo da sua vida, e esses significados estão sujeitos a mudanças, o que influencia nossa visão de mundo, visto que:

O homem usa palavras para representar as coisas: Nessa representação, ele destitui os objetos das matérias e do caráter sensorial que os distingue, e os converte em pensamentos e sonhos, matéria-prima da consciência. Representa ainda as representações. Simboliza não só objetos, mas também idéias e correlações. Forma do mundo de símbolos uma realidade nova, novo ambiente tão real e tão natural quanto o do mundo físico. (OSTROWER, 1987, p. 22)

As palavras carregam símbolos, que traduzem sentimentos, sensações, lembranças, vivências culturais, gostos, formas que não podem ser interpretadas apenas com um olhar, ela se conectam a outros sentidos do corpo para traduzir o que vemos e compreendemos, dessa forma que:

As coisas não são, portanto, simples *objetos* neutros que contemplaríamos diante de nós; cada uma delas simboliza e evoca para nós uma certa conduta, provoca de nossa parte reações favoráveis ou desfavoráveis, e é por isso que os gostos de um homem, seu caráter, a atitude que assumiu em relação ao mundo e ao ser exterior são lidos nos objetos que ele escolheu para ter à sua volta, nas cores que prefere, nos lugares onde aprecia passear. (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 23).

As formas, além das palavras, possuem um poder simbólico significativo, podendo ser interpretadas e expressadas por meio das nossas criações artísticas. Essas criações não apenas proporcionam novas perspectivas, mas também nos convidam a enxergar o mundo de maneira renovada e a questionar a suposta imutabilidade e banalidade que muitas vezes lhe são atribuídas. Ao explorar as formas como veículo de expressão, somos capazes de abrir horizontes, desvendar significados ocultos e despertar uma apreciação mais profunda pela diversidade e riqueza do mundo que nos cerca. Isso inclui nossa própria cultura, que às vezes negligenciamos por não percebermos seu significado particular, embora ela esteja sempre presente em nossas vidas.

Ao observarmos os eventos corriqueiros e os pequenos detalhes que nos rodeiam, somos capazes de encontrar inspiração e transformar essas observações em fonte de criação. Segundo Fayga Ostrower (1987, p. 26) “Todo perceber e fazer do indivíduo refletirá seu ordenar íntimo. O que ele faça e comunique, corresponderá a um modo particular de ser que não existia antes, nem existirá outro idêntico.” Ao registrar esses acontecimentos e reflexões, damos espaço para a reinterpretação e reconstrução, permitindo que ideias inovadoras e originais surjam a partir dessas simples vivências diárias.

O artista Susano Correia apresentou em seu livro “Para Sempre Nunca Mais”, uma coleção de desenhos em grafite, acompanhados por títulos que revelam uma parte de seu processo artístico. Esses desenhos representam uma etapa preliminar antes de serem transformados em pinturas, e carregam consigo um simbolismo que reflete as observações e percepções do artista.

Na **Figura 2**, vemos um cadeirante carregando um pássaro na gaiola, algo que o artista viu de relance enquanto andava de moto. Em uma entrevista para o Paleta Cultural em 2020, ele conta que essa imagem ficou gravada em sua mente e enquanto ele andava de moto era tomado por ideias e pensamentos sobre, apenas queria chegar na universidade e desenhar o que viu. Foi através desses primeiros esboços, que o artista teve uma experiência significativa que o levou a um ponto de descoberta, proporcionando clareza e direcionamento para suas futuras criações. Ao explorar a poética dessa imagem e seus esboços, ele conseguiu atribuir uma nova perspectiva de criação, capaz de contagiar o espectador e inserir uma palavra no âmago de seus sentidos. Essa interação profunda entre a obra de arte e o público desperta uma conexão intensa e enriquecedora, conferindo uma dimensão singular à experiência estética.

Figura 2: cante para mim, 2014.



Fonte: Página do Susano Correia no Instagram².

Através desse desenho pode surgir uma memória afetiva, como foi o caso da gaiola, que despertou no artista lembranças da infância e da cidade onde morava em Florianópolis.

² Disponível em: <<https://www.instagram.com/susanocorreia/>>. Acesso em: 03 de julho de 2023.

Nessa localidade era comum os moradores criarem pássaros em gaiolas, o que se tornou uma tradição enraizada. Essa lembrança específica desencadeou uma série de reflexões e emoções relacionadas à sua história pessoal, adicionando camadas de significados à sua criação artística.

Esse processo de fazer esboços a partir do cotidiano, os quais vão se transformando e adquirindo novos significados, representa uma parte interessante do trabalho do artista. Nos apresenta um novo olhar no criar e recriar, é se aventurar numa jornada sem ter certeza do destino final. Onde cada traço e cada elemento ganham vida própria, possibilitando uma perspectiva renovada no ato criador. Para Salles (2006, p. 124) “Um novo desenho não apaga os anteriores; mas parece ser contaminado pelos outros e está, assim, impregnado de sua história no processo criador do artista”. O processo é esse diálogo interno consigo mesmo, a cada traço formado, a cada rabisco, vão se conectando e ocupando o papel sendo possível perceber que:

Cada artista, cada leitor terá provavelmente seu próprio repertório de coincidências, ou talvez até mesmo de erros cometidos que se transformaram em acertos. Constituem sempre eventos imprevistos e surpreendentes. No entanto, parecem ocorrer num momento exato de vida, momento por vezes decisivo na realização de certos objetivos. (OSTROWER, 1995, p. 2)

O processo criativo proporciona uma experiência de descoberta contínua, na qual o artista se permite ser guiado pela intuição e pelo fluxo criativo, abrindo espaço para surpresas e revelações ao longo do processo. É neste movimento de transformação e renovação que emerge um novo olhar, trazendo originalidade e autenticidade às suas obras. Neste processo há um emaranhado de lembranças, sentimentos e sensações que envolvem todo o ser. Sentimentos de confusão, frustração, felicidade e completude por finalmente ver as ideias tomando forma.

O conceito de "Acaso" é abordado por Fayga Ostrower em seu livro "Acasos e Criação Artística", onde a autora destaca, que os acasos estão presentes e acontecem a todo momento da nossa vida e parecem na maioria das vezes estar fora controle e desconexos entre si, no entanto, esses eventos se conectam no fim, formando uma teia infinita de possibilidades que está intrinsecamente ligada à nossa existência individual. Apenas registramos aquilo que percebemos e captura nossa atenção, sendo necessário ter consciência desses eventos para que possam ser considerados como um acaso (OSTROWER, 1995).

A autora ainda apresenta outros tipos de acasos, que se manifestam e ocorrem em momentos específicos de nossa trajetória, a fim de nos orientar no decorrer do livro para

destacar o tema principal, sendo este os acasos significativos. Esses acasos não surgem do nada; em algum momento, de forma inconsciente, já tínhamos intenções e pensamentos que permeavam nossa mente, e esses, por sua vez, nos conduziam até os acasos significativos.

No processo criativo os acasos se revelam como um raio de luz que iluminam o fim do túnel, que estava bloqueado por muito tempo. O acaso poderia estar lá desde o início, mas era invisível aos nossos olhos, não era significativo o suficiente para que pudesse fazer sentido e se desenvolvesse ao se conectar ao nossos pensamentos, como uma sequência de ideias e registros mentais que estão flutuando em nossa mente, apenas esperando para serem pescados por um fio, por exemplo:

Observamos que uma anotação se completa em outra ou em uma fala de um personagem; um problema no desenvolvimento da obra se completa em leituras ou conversas com amigos etc. Essa visão do processo de criação nos coloca em pleno campo relacional, sem vocação para o isolamento de seus componentes, exigindo, portanto, permanente atenção a contextualizações e, ativação das relações que o mantém como sistema complexo. (SALLES, 2006, p.22)

Essa construção é um processo gradual, que pode levar dias, meses ou anos de trabalho, mas, em algum momento, é necessário revisitar nossos esboços, anotações e trabalhos antigos, para que ocorra uma transformação e uma reconexão significativa. Às vezes, ao longo desse processo, podemos nos esquecer dos passos que percorremos, das dificuldades enfrentadas e das fixações que tínhamos anteriormente.

Neste sentido, revisitar nossos processos anteriores é valioso, pois nos permite relembrar antigos gostos, esboços, abordagens que tínhamos na época, descobrir novos caminhos e até mesmo redescobrir antigas paixões. Assim como um modo de resgatar elementos do passado que podem ser úteis para superar bloqueios criativos ou encontrar complementos para o que estamos criando agora. É como se essas lembranças nos fornecessem uma bússola interna, orientando-nos em direção ao que realmente nos motiva e nos interessa.

Neste ponto, é importante destacar que a criatividade é alimentada pelo exercício constante da percepção. Ela não surge do nada, mas sim a partir de estímulos que impulsionam o processo de ideias, proporcionando um combustível para a criação. É por meio desse processo que testamos diversas possibilidades, observamos e explorando o mundo com outros olhos (SALLES, 2011)

À medida que exercitamos nossa percepção, nos tornamos mais aptos a reconhecer os acasos que se apresentam ao longo da vida e do processo criativo. São esses acasos que nos

permitem fazer conexões entre nossas ideias, transformando-os em novas criações. Assim, aquilo que antes parecia trivial ganha uma nova dimensão e se torna agradável e significativo.

No entanto, é importante ressaltar que o processo criativo é dinâmico e imprevisível. Não sabemos exatamente onde ele nos levará até iniciarmos o processo. É neste fluxo de ideias, acasos e percepções que novas possibilidades surgem e floresçam com a criação, nos conduzindo a novas expressões artísticas e descobertas. É um processo contínuo de exploração, aprendizado e transformação, que nos impulsiona a criar além do que poderíamos imaginar.

Ao esboçar no seu caderno uma simples senhora na praça, o artista tem a possibilidade de criar em cima, se apropriando do real e acrescentando ideias fantasiosas. Em vez de ser uma simples senhora, ela pode agora ter uma cabeça de peixe, ou ter sapatos enormes. Isso é a criatividade, é pegar coisas simples, coisas óbvias, se apropriar a transformando em algo totalmente novo. Ao trabalhar nossos olhos, nossas mãos e a nossa mente, começamos a ter uma percepção mais aflorada das nossas criações, observando e percebendo quando algo não está bom, está desconexo ou que falta algo.

Ao trabalharmos nossa percepção por meio da observação e da tentativa de criar e recriar, é natural enfrentar frustrações ao longo desse caminho. A vontade de desistir pode se intensificar, e a sensação de não conseguir materializar nossas ideias ou corresponder às expectativas pode gerar desânimo.

Quando iniciei minhas aulas de desenho, fui apresentada ao conceito do "caderno do artista", onde cada um tinha a liberdade de desenhar, fazer anotações e se expressar da maneira que desejasse, em uma espécie de diário pessoal. Com o tempo e por meio deste caderno, eu entendi que o processo pode ser conduzido com mais leveza, sem ter medo de cometer algum "erro" ou que é necessário buscar a perfeição. Isso me abriu um campo de possibilidades onde passei a me sentir mais à vontade para explorar diferentes traços, cores, técnicas, materiais e estudar as possibilidades que esse processo criativo nos apresenta, como observado na Figura 3, onde fiz um esboço rápido com uma caneta esferográfica do que observava na praça Ary Coelho.

Figura 3: Estudo de observação da Praça Ary Coelho, 2019.



Fonte: arquivo pessoal.

Com frequência, subestimamos o quão longe chegamos em nosso percurso e tendemos a concentrar nossa atenção de forma excessiva em nossas supostas "falhas", impondo a nós mesmos uma autocrítica excessiva. Durante minha trajetória na arte, redescobri meu interesse pela arte digital, uma paixão que havia sido deixada de lado devido à escassez de tutoriais e programas acessíveis na época.

Durante o curso, pude notar que diversos artistas estavam explorando essa mídia, o que me levou a retomar o caminho da arte digital. Como resultado, comecei a praticar desenho quase diariamente e, ao revisitarmos meus antigos cadernos e desenhos, foi possível observar com clareza minha própria evolução, especialmente ao comparar com o esboço representado na Figura 4 em relação à Figura 1.

Figura 4: Esboço digital, 2021.



Fonte: arquivo pessoal.

Com estudo e prática contínua, somos capazes de realizar nosso trabalho com maior facilidade, e ao longo do tempo, tudo passa a fluir de forma mais natural e harmoniosa. Por fim, a arte simboliza uma busca incessante pela própria individualidade, pelos interesses pessoais e pelo estilo único de cada indivíduo. Essas informações gradativamente se assimilam à mente, transformando-as em uma vasta rede de dados que nos possibilitam explorar diferentes rotas, podemos anotar e esboçar tudo que vemos e no fim: “[...] são as reservas passionais do artista. Registros que refletem o modo pelo qual aquele artista percebe o mundo” (SALLES, 2011, p. 91).

Através da arte tive uma compreensão mais ampla do mundo, que não apenas se limita ao trabalho e a rotina diária. Há momentos que é necessário respirar e observar com outros olhos e atribuir novos sentidos à nossa existência, para que possamos experimentar algo novo e vivenciar a rotina de uma forma diferente, valorizando as pessoas ao nosso redor, os sons das conversas, dos carros, da música, do que é considerado banal para outras pessoas. Como afirmou Aranha (1925, p. 13), "Para o artista a natureza é uma 'fuga' perene no Tempo imaginário. Enquanto para os outros a natureza é fixa e eterna, para ele tudo passa e a arte é a representação dessa transformação incessante".

Reconhecemos a importância do processo criativo como uma manifestação artística na qual o artista pode retratar suas observações, emoções e identidade por meio da arte. Isso implica em buscar maneiras de expressá-los visualmente, mesmo que essas representações não se destinem necessariamente a um público, mas sirvam como uma forma de autorreflexão.

2 - Um processo para chamar de meu: Um olhar para além do visível

A cerâmica é ao mesmo tempo a mais simples e a mais difícil de todas as artes. A mais simples, por ser a mais elementar; a mais difícil, por ser a mais abstrata. (READ, 1968, p. 27).

O artista, durante o ato criativo, passa por um processo de transformação. Nesse momento, todas as suas ideias, reflexões e sentimentos convergem no espaço expressivo, onde ele utiliza todas as qualidades e técnicas disponíveis para dar forma a uma representação de si na imagem. É fundamental notar que esses processos criativos não surgem do vazio (OSTROWER, 1988).

Ao modelar no barro, o artista cria as suas obras através de uma necessidade que cresce em seu interior. Enquanto a argila esta sendo moldada, ela ainda não detém de um significado, apenas uma ideia, que vai nos guiando durante todo o processo, que se faz e desfaz, até que comece a ganhar um sentido para nós. Para Ferraz e Fusari (2009, p. 20) as obras artísticas são:

(...) construções poéticas por meio das quais os artistas expressam ideias, sentimentos e emoções. Resultam do pensar, do sentir e do fazer, que por sua vez são mobilizados pela materialidade da obra, pelo domínio de técnicas, e os significados pessoais e culturais. São, por isso, constituídas de um conjunto de procedimentos mentais, materiais e culturais. Podem concretizar-se em imagens visuais, sonoras, verbais, corporais, ou são apenas manifestações das próprias linguagens, como expressão e representação de algo.

Entender o processo criativo, suas técnicas e a amplitude que essas experiências proporcionam, seja ela através do desenho, pintura, escultura, cerâmica, ou qualquer outra forma de expressão na qual estamos trabalhando, nos possibilita refletir sobre o que estamos fazendo enquanto exercitamos nossa criatividade. Não é apenas um processo vazio de criar por criar; é compreender o porquê estou fazendo isso e o que desejo transmitir com essa expressão artística.

Na escola, é fundamental que o educador, por meio de suas aulas, estimule o interesse e a curiosidade de seus educandos para que reconheçam a amplitude que essas experiências podem proporcionar. Isso permitirá que eles tenham uma vivência artística enriquecedora, na qual possam explorar os materiais e suas possibilidades sem medo, desenvolvendo a criação de suas obras de arte a partir dos sentidos, das ideias, das emoções e das percepções que foram desenvolvidos ao longo de seu ensino.

Durante o processo de elaboração artística, o educando (autor do trabalho de arte) vivencia uma situação, em que ele exercita a criação, integrando outras ações, como pensar sobre ela, sobre o uso de materiais, de técnicas, e encontrar caminhos para concretizá-la. Ao produzir seu trabalho, o educando desenvolve uma linguagem própria, mas para que ocorra de fato a constituição dessa linguagem, deve ocorrer outro evento, uma comunicação, ou seja, considerar ainda quem a vê. (FERRAZ; FUSARI, 2009, p. 28 - 29)

Além disso, é fundamental que os alunos tenham contato com formas de arte que vão além de imagens reproduzidas pelo projetor, como a presença de artistas na escola, compartilhando suas criações e experiências, visitas a museus, através de música ou assistir apresentações de dança, por exemplo. Essas experiências não devem ser apenas impostas pelo professor, mas também devem surgir a partir do interesse genuíno dos alunos, incentivando-os a explorar essas áreas por conta própria. Neste sentido:

O desafio da mediação cultural não é só provocar o olhar cognitivo do fruidor, como também conscientizá-lo de todas as nuances presentes na obra ou em sua relação com ela. Acima de tudo, é promover um contato que deixe canais abertos para os sentidos, sensações e sentimentos despertados, para a imaginação e a percepção, pois a linguagem da arte fala e é lida por sua própria língua. (MARTINS; PICOSQUE, GUERRA, 2010, p. 70)

O professor não lida com as certezas em sala de aula; tudo o que planejou pode tomar um rumo diferente, e cabe ao educador mediar essas interações, assim como em uma leitura de uma obra. Ele deve instigar o aluno sem forçar uma construção de sentido "correto" ou único do que está sendo apresentado, permitindo que os alunos se sintam à vontade para questionar e deduzir algo sobre as obras. Afinal, como afirmam Picosque e Martins (2003, p. 8), o professor "não lida com as certezas e com reducionismos simplistas, mas sim com a compreensão e a articulação da complexidade."

É um ato necessário para a formação cultural dos educandos, aproximando e proporcionando acesso a formas de arte muitas vezes consideradas banais ou sem grande relevância. Conhecer e compreender a arte é ampliar seu imaginário, é socializar e compartilhar infinitos pontos de vista, permitindo que possam enxergar o mundo com uma nova perspectiva, explorando-o não apenas como ele é, mas também em suas várias interpretações. O educador deve levar para dentro da sala de aula imagens para desenvolver esse olhar sensível, pois:

(...) a escolha das imagens faz trabalhar o olhar, um **olhar escavador de sentidos**. Olhar mais profundo e ao mesmo tempo sem pressa, ultrapassando o reconhecimento, o fim utilitário das imagens, e que se torna um leitor de signos. Nesse movimento do olhar, segundo o filósofo francês Georges Didi - Huberman⁸,

não só olhamos a obra como ela também nos olha. Atento aos sentidos das imagens, tal qual um arqueólogo que escava à procura do desconhecido, o professor-pesquisador é um **leitor de imagens** que elege aquelas que vão adentrar na sala de aula para o deleite e investigação dos alunos. (PICOSQUE; MARTINS, 2003, p. 8)

Pensando nas relações com outras pessoas que temos ao longo da vida, trago uma obra intitulada 'Toque, Sinta e Veja', que retrata dois corpos que estão se conhecendo, curiosos um com o outro à sua frente, querendo entender o que é e quem é o outro. Inicialmente, esses corpos seriam duas xícaras, que internamente carregariam seus sentimentos mais profundos e escondidos, mas no decorrer do processo isso acabou se modificando, transformando-se em duas estruturas que lembram corais, oca por dentro e com várias curvas e buracos.

Figura 5: Marcela Milena (MS, 2001). Toque, sinta e veja, 2023, Cerâmica, 21 x 12 x 12,5 cm.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

A cor da argila escolhida faz alusão ao tom claro da pele humana, que após a queima³, adquirirá uma tonalidade próxima ao marrom claro. Cada espécie de polvo foi selecionada com um propósito específico. O maior deles, conhecido como polvo de sete braços (*Haliphron atlanticus*), foi retratado como um ser adulto, aquele que guia e ensina o menor em desenvolvimento. Sua coloração varia entre magenta ao vermelho, mas na cerâmica, optei por um tom mais voltado para o vermelho, com o objetivo de chamar a atenção e evocar sensações de calor, movimento, beleza e sabedoria (SILVEIRA, 2015, p. 123).

O polvo menor, conhecido como Polvo-dumbo (*Grimpoteuthis*), foi escolhido para representar uma criança que está apenas começando a conhecer e entender o mundo e a si

³ Processo onde objetos feitos com massas argilosas se transformam em cerâmicas após receberem uma primeira queima de pelo menos 600°C. Ocorrer em fornos com calor produzido: à lenha, a gás ou elétricos.

mesma. Devido à sua aparência que transmite fofura e inocência, optei pela cor amarela, que evoca a sensação de calor, como um sol ao meio-dia, transmitindo energia, alegria e marcando o início de algo novo (SILVEIRA, 2015, p. 123). Como uma criança quando está aprendendo algo novo, ela quer sentir, tocar e entender o que está à sua frente.

A criança olha, cheira, toca, ouve, se move, experimenta, sente, pensa... Desenha com o corpo, canta com o corpo, sorri com todo o corpo. Chora com todo o corpo. O corpo é ação/pensamento. Seu pensamento se dá na ação, na sensação, na percepção, sempre regado pelo sentimento. Convive, sente, reconhece e repete os símbolos do seu entorno, mas não é, ainda, um criador intencional de símbolos. Sua criação focaliza a própria ação, o exercício, a repetição. (MARTINS; PICOSQUE, GUERRA, 2010, p. 89)

Para a criança, o mundo ao seu redor é como uma pedra preciosa, tudo é tão brilhante, bonito, novo e chama sua atenção, ela não apenas quer olhar, deseja experimentar todas as possibilidades e usar todos os sentidos de seu corpo para explorar o mundo, não tem medo ou receio de algo ou alguém, elas querem compreender tudo ao mesmo tempo que experimentam, pois: "Ao perceber as coisas, o corpo nelas se envolve, deixando-se igualmente envolver por elas. Nessa experiência, o corpo se percebe, ao mesmo tempo, como vidente e sensível - o sentido conhece, conhecendo sente" (MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, 2010, p. 50).

Um polvo não fala nossa língua, mas usa seu corpo para expressar o que sente, desde o medo à curiosidade, assim como uma criança que está conhecendo seu entorno e a si mesma através de seu corpo e seus sentidos, o polvo faz o mesmo. De acordo com Paul Patton (2016), todas as informações sensoriais dos polvos, como paladar e olfato, são processadas nos próprios tentáculos, pois seus receptores sensoriais são maiores do que os dos humanos. Isso contribui para atribuir significado à obra, pois o polvo representa o ser humano, que usa seu corpo da mesma forma que os polvos usam seus tentáculos para compreender o ambiente ao seu redor.

Assim como o polvo traz consigo seus significados à obra, sua estrutura complementa. As bases, ao mesmo tempo em que são corais, também representam um corpo humano com curvas, buracos e escondendo outras formas de vida, assim como nós escondemos nossos sentimentos e nosso "eu" para o desconhecido. Mas assim como os polvos estão curiosos e querem entender o outro, as bases se conectam e se transformam em um só, compartilhando seus pensamentos, ideias e experiências, ensinando o outro como sobreviver nesse vasto mar, tão profundo e desconhecido.

Como o polvo que orienta o outro que está à sua frente, o professor deve guiar seus educandos, contribuindo para a sua formação escolar, ensinando, orientando e intervindo quando necessário, para que possam refletir sobre suas produções, a arte e os artistas, sobre si e o mundo que os cerca, dessa forma:

A intermediação se completa quando esses aspectos se entrelaçam com o intuito de atingir os objetivos de aprendizagem significativa de saberes artísticos e estéticos essenciais e necessários para que os estudantes compreendam e interpretem a cultura de sua região, seu país, e saibam atuar para melhorá-la, no exercício de suas cidadanias. (FERRAZ, FUSARI. 2009, p. 143)

Da mesma forma que a primeira obra que menciono neste capítulo aborda a relação com o corpo e com as outras pessoas ao nosso redor, esta segunda obra traz reflexões internas sobre nós mesmos, sobre o que guardamos achando que aquilo uma hora irá sumir. Esta obra é intitulada de “Você precisa parar!”.

Figura 6: Marcela Milena (MS, 2001). Você precisa parar!, 2023, Cerâmica, 12 x 12,5 x 27 cm.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

As populações brasileiras de baleia jubarte têm como característica a exposição da cauda na superfície da água. Isso é uma característica que só foi observada aqui no Brasil,

sendo algo raramente encontrado em outras áreas do mundo. Essas baleias chegam a permanecer nesse estado por até 15 minutos, e algumas podem ficar por até quatro dias consecutivos nessa posição.

Em nenhuma outra parte do mundo foi observado esse comportamento acontecendo por tanto tempo. De acordo com o Projeto Baleia Jubarte (2022), o motivo desse comportamento são todos hipotéticos, podendo ser, por exemplo, uma posição para melhor amamentar seu filhote, evitar a cópula com os machos ou mesmo apenas uma forma de descanso.

A baleia surge como uma resposta, simples às vezes, mas impensável para certos momentos de estresse, ansiedade e pânico - momentos em que o corpo, por vezes, "grita" por um instante de alívio. Ela exclama: "Você precisa parar!" Seja apenas por alguns minutos, é uma pausa necessária, que acalma os sentidos e o traz de volta para a realidade que havia sido deixada para trás, quando se estava submerso nesse caos interno.

Ao observarmos a obra, não compreendemos seu significado por completo; é simplesmente uma representação de uma baleia numa postura diferente, feita de cerâmica e intitulada 'Você precisa parar!'. Assim como a obra anterior, a baleia vem simbolizar algo: nosso corpo. Este está exausto de nadar sem um rumo certo, não apenas fisicamente, mas mentalmente.

O artista expressa seu modo único de ver o mundo, combinando suas ideias, percepções, vivências e experiências em suas criações. Essas imagens não são meras palavras; são conjuntos de significados. Enquanto produzimos algo, elas vão tomando forma junto com a obra. Nesse contexto, "As formas não apontam para algo fora delas mesmas. São elas, as próprias formas visuais, seus próprios conteúdos. E sendo sínteses, condensam conteúdos de significados múltiplos e complexos: sentimentos de vida, visões de ser" (OSTROWER, 2013, p. 79).

Nem toda obra nos sensibiliza apenas visualmente, pois frequentemente sua imagem não revela completamente o significado que o artista deseja transmitir. Isso ocorre porque as ideias do artista derivam de suas experiências, vivências e, principalmente, de sua percepção pessoal do mundo e dos significados atribuídos a cada coisa. Portanto, é fundamental destacar a importância do ensino da leitura da arte nas escolas. Assim como não podemos compreender um livro sem entender o significado das palavras, também não podemos discutir adequadamente o que é arte sem compreender sua linguagem.

Quando o educando compreende o significado da arte e o que ela representa, ele tem a oportunidade não apenas de entender a obra através da interpretação que o artista trouxe, mas

também, por meio de sua curiosidade, torna-se mais sensível, realizando reflexões internas e atribuindo novos significados a ela. A arte é como uma cebola, com diversas camadas, convidando o observador a mergulhar em suas infinitas interpretações.

Quando estamos diante de uma obra de arte, a recriamos em nós. A contemplação de uma produção artística nunca é passiva, algo em nós penetra na obra ao mesmo tempo que somos por ela invadidos e despertados para novas sensibilidades. (MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, 2010, p. 67)

Quando penso nas duas obras que trago neste capítulo, não posso deixar de mencionar um pouco sobre o processo de criação. Minha intenção não era seguir um caminho clichê, onde a mensagem é imediatamente compreendida ao olhar para a obra. Em vez disso, desejava que os leitores fossem além dos significados que compartilho e, de alguma forma, se conectassem com a obra. Foi por isso que escolhi o mar, um tema que está sempre presente em minhas cerâmicas.

O mar vem como um espelho que reflete meu ser interior, onde reside minhas ideias, minhas reflexões, meus sentimentos, meu estado de ser naquele momento, tão profundo e vasto. A arte vem como uma forma de me encontrar neste oceano, de entendê-lo e acalmá-lo. Se observamos o mar, é um lugar onde tem muita água que habita diversos seres marinhos e outras formas de vida, ele é tão vasto que não conhecemos nem um décimo de sua grandeza, ele é imutável, mas nele vejo muito mais, eu me vejo refletida. Neste sentido:

A natureza não se expressa. Ela é. Uma folha na árvore não se expressa a folha; ela é a folha. Nós, seres humanos, podemos ver a folha e sua forma, e podemos dizer alguma coisa sobre ela - e, no que falamos sobre a folha, falamos sobre nós. Em função de nossa autopercepção, desse distanciamento interior que permite observarmos nossa própria existência, podemos nos expressar. Podemos falar sobre nosso ser. (OSTROWER, 2013, p. 102)

Não consigo abordar esse tema de forma menos poética, mas busco essa reflexão sobre a arte, sua criação, interpretação e significados. A questão que se coloca é como podemos incorporar isso à sala de aula e pensar na importância da arte para os alunos, mesmo que não planejem seguir carreiras artísticas. A arte oferece a oportunidade de se expressar não apenas verbalmente, mas também por meio do corpo, auxiliando os estudantes a se descobrirem através da busca de sua identidade neste mundo, colocando um sentido em sua existência e com isso fazer com que busquem algo que queira se entregar por completo.

O potencial criador não é outra coisa senão essa disponibilidade interior, essa plena entrega de si e a presença total naquilo que se faz. Ela vem acompanhada do senso do maravilhoso, da eterna surpresa com as coisas que se renovam no cotidiano, ante cada manhã que ainda não existiu e que não existirá mais de modo igual, ante cada forma que, ao ser criada, começa a dialogar conosco. É nossa sensibilidade viva, vibrante (OSTROWER, 2013, p. 263).

Vivemos em uma sociedade onde somos frequentemente tratados como meras engrenagens substituíveis, onde nossos pensamentos, palavras e sentimentos raramente importam. A arte vem como uma urgência interior, onde o homem busca descobrir suas potencialidades, onde pode olhar e por um momento pensar em fazer algo novo, uma maneira de aliviar sua alma exaurida de tanto trabalhar, por fazer as mesmas coisas todos os dias como uma máquina.

É através da arte e da educação que devemos plantar uma semente, mesmo que pequena, que leve o aluno a pensar que ele pode ser mais do que apenas uma objeto sem desejos, alguém com a capacidade de expressar-se, sentir e comunicar-se ativamente, em vez de simplesmente observar passivamente em meio ao excesso de estímulos que muitas vezes nos anestesia, nos desconectando das relações significativas que mantemos com nosso entorno, resultando em uma sensação de vazio e falta de propósito.

No mundo da história, da cultura, da política, *constato* não para me *adaptar*, mas para *mudar*. No próprio mundo físico minha constatação não me leva à impotência. O conhecimento sobre os terremotos desenvolveu toda uma engenharia que nos ajuda a sobreviver a eles. Não podemos eliminá-los, mas podemos diminuir os danos que nos causam. Constatando, nos tornamos capazes de *intervir* na realidade, tarefa incomparavelmente mais complexa e geradora de novos saberes do que simplesmente a de nos adaptar a ela. É por isso também que não parece possível nem aceitável a posição ingênua ou, pior, astutamente neutra de quem *estuda*, seja físico, o biólogo, o sociólogo, o matemático, ou o pensador da educação. Ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra. Não posso estar no mundo de luvas nas mãos *constatando* apenas. A acomodação em mim é apenas caminho para *inserção*, que implica *decisão*, *escolha*, *intervenção* na realidade. Há perguntas a serem feitas insistentemente por todos nós e que nos fazem ver a impossibilidade de *estudar* por *estudar*. De *estudar* descomprometidamente como se misteriosamente, de repente, nada tivéssemos que ver com o mundo, um lá fora e distante mundo, alheado de nós e a nós dele. (FREIRE, 2021, p. 75)

Na nossa sociedade, o que realmente importa não é o que pensamos, observamos ou sentimos, mas sim uma busca por uma mão de obra barata, não um indivíduo pensante que questiona tudo à sua volta. Tendem a nos moldar para que enxerguemos apenas a superfície das coisas, como cavalos com antolhos, restringindo nossa visão e nos compelindo a focar

unicamente no que desejam que percebamos. Por isso, como destacou Sonia Carbonell (2010, p. 95):

Para ver, no agora, é preciso aprender a olhar, ou seja, é preciso selecionar: retirar da cena o que ecoa e produz sentidos em nós. Garimpar significados em meio ao excesso de informações que abarrotam nosso horizonte é extrair do visível o invisível, para então descobrir o que as aparências ocultam.

Portanto, é crucial entender que o nosso mundo não é limitado de significados, enquanto crescemos, nos desenvolvemos e vivemos em constante mudança, sempre ressignificando o que vemos e entendemos por meio do diálogo, de interações e escuta com o outro dentro de uma sociedade e de uma cultura. Quando nos reconhecemos como indivíduos únicos, embarcamos em uma busca por nossa própria identidade dentro deste vasto universo que, apesar de infinito, já está intrinsecamente contido em nós.

Nessa busca por uma identidade, nosso olhar se torna seletivo e escolhe o que confere significado à nossa existência, influenciando nossas ideias e comportamentos. No entanto, em meio à rotina, raramente exploramos essa visão mais profunda que busca estabelecer conexões significativas com as imagens, que é curiosa, que procura encontrar significado em vez de banalizar o que observa. Isso representa uma forma de humanização em relação ao mundo, algo que deveria ser inseparável da educação. É dever do educador criar um ambiente propício ao diálogo com os alunos, permitindo-lhes vivenciar experiências estéticas e cultivar esse espaço sensível (CARBONELL, 2010).

3 - Um processo onde posso me encontrar na Metodologia

Neste capítulo, minha intenção é aprofundar e refletir sobre a arte na escola e sua relevância, através de metodologia de pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfico e descritivo, abordagem que nos permite a utilização de dados como imagens, documentos e outros registros pessoais (BOGDAN; BIKLEN, 1994). Os dados que serão analisados foram obtidos por meio de imagens pessoais e anotações em cadernos, ambos os registros produzidos por mim, a partir de uma oficina de cerâmica em cuja regência estive envolvida. A oficina teve duas horas de duração e foi parte de uma atividade prevista para o projeto de extensão Espaços da Arte na Educação⁴, durante o ano de 2023.

Nos dois capítulos anteriores, dediquei espaço para discorrer sobre minha jornada pessoal e meu processo criativo no curso de Artes Visuais - Licenciatura, pelos quais pude compreender a importância da arte em minha vida e como ela influenciou a forma como vejo e entendo meu entorno, buscando um sentido em minha existência, passei a me enxergar como um ser único que cria e se recria constantemente, não apenas em meus pensamentos, mas também a forma que vejo e entendo meu mundo e como isso está presente na minha própria arte, onde meu "eu" está ali, minhas intenções, percepções e experiências.

Esse processo foi fundamental, não apenas para o meu autodescobrimento, mas também para perceber que o ensino de arte vai muito além do desenvolvimento de habilidades artísticas. Conforme Duarte Jr. (1981), o ensino de arte não se limita a questões meramente estéticas, mas é um processo que auxilia o indivíduo a compreender os valores e significados de sua integração na sociedade, bem como as imposições sociais.

Nesse contexto, o ensino atua como uma ferramenta essencial no desenvolvimento da capacidade crítica e criativa, permitindo que o aluno, ao longo desse percurso, se questione, descubra e crie seus próprios valores e significados. No entanto, em acordo com Martins (1992), frequentemente nas escolas, dá-se prioridade à formação dos alunos como se fossem máquinas, negligenciando o estímulo à criatividade, os sentidos e às emoções, esperando que atuem de forma puramente racional, sem questionar, obedecendo, decorando e repetindo o que lhes é transmitido:

⁴ O projeto Espaços da Arte na Educação tem como foco a exploração do papel da arte no âmbito educacional, analisando suas contribuições e possibilidades no processo de formação inicial e continuada de professores. Seu objetivo principal é promover o diálogo e a integração entre acadêmicos do curso de Artes Visuais, professores de arte da educação básica e pesquisadores da área. Essa iniciativa busca ampliar a compreensão sobre a construção de práticas pedagógicas relacionadas às linguagens visuais, estimulando a aproximação com o universo artístico e estético, incentivando ações que envolvam o conhecimento e a produção de arte em diferentes contextos e momentos, propondo reflexões sobre o cotidiano pedagógico e o universo escolar como um todo.

Priorizando "animal racional" a escola deixa de lado toda riqueza do ser humano. A aprendizagem repetitiva e o conhecimento é avaliado pela memória mecânica. A escola esquece deste ser simbólico e da aprendizagem significativa que é mediadora de construção do conhecimento e da memória formada por recordações, num processo criativo e construtivo, onde os fatos organizados, sintetizados, reunidos no foco de pensamento. (MARTINS, 1992, p. 10)

A arte desempenha um papel fundamental no desenvolvimento do indivíduo e não devemos limitá-la apenas às suas formas visuais, pois o contato com essa área estimula a imaginação, desenvolvendo os sentidos e aguçando a percepção, enriquecendo o mundo com os significados que atribuímos enquanto vivemos nele. Além disso, à medida que nos desenvolvemos e nos comunicamos na sociedade, ressignificamos muitas coisas que já conhecemos, é um caminho que nos faz compreendermos a infinitude do nosso mundo que está em constante evolução.

Quando uma criança deseja, brinca e cria histórias, ela está relacionando essas atividades com suas vivências e experiências diárias, atribuindo significados a cada elemento do seu entorno. Isso não apenas expressa seu interior, mas também ajuda a desenvolver experiências que são essenciais para seu crescimento, tanto individual quanto coletivo. Através da arte, ela começa a compreender não apenas o que faz sentido para si mesma, mas também o que faz sentido para o outro.

Além disso, o professor também pode desenvolver a consciência estética nas crianças, permitindo que elas compreendam as harmonias e equilíbrios do mundo, façam escolhas e distinções sem impor padrões ou normas a elas. Isso significa que "os sentimentos, a razão e a imaginação se integram; em que os sentidos e valores dados da vida são assumidos no agir cotidiano" (DUARTE, Jr., 1981, p. 105). A consciência estética não se limita à mera apreciação da arte em um museu, pois para as crianças, nossos padrões estéticos muitas vezes não fazem sentido.

Assim, consciência estética significa, em nossa atual civilização (profundamente antiestética), a busca de uma visão global do sentido da existência; um sentido pessoal, criado a partir de nossos sentimentos (significados sentidos) e de nossa compreensão (racional, lógica) do mundo onde vivemos. Significa uma capacidade de escolha, uma capacidade crítica para não apenas submeter-se a imposição de valores e sentidos, mas para selecioná-los e recriá-los segundo a nossa situação existencial. (DUARTE, Jr., 1981, p. 105)

Muitas vezes, os adultos impõem seus próprios padrões estéticos às criações das crianças, exigindo que seus desenhos, por exemplo, alcancem um nível de excelência

artística. Essa pressão faz com que as crianças se cobrem mais do que o necessário, preocupando-se principalmente em agradar o gosto dos adultos e, assim, não conseguem desfrutar plenamente de seu processo criativo, com medo do julgamento. É fundamental lembrar que as crianças não precisam se preocupar em criar algo que seja considerado bonito; o que elas estão criando deve ter um significado pessoal, baseado em suas escolhas conscientes.

Arte é também construção de conhecimento. É o registro da percepção inteligente, da imaginação... Registros da leitura sensível do mundo, que a criança é científica e artística. (...), ao desenhar uma máquina a criança levanta a hipótese de seu funcionamento; ao desenhar uma página escrita, ainda na garatuja, a criança levanta hipóteses de leitura. Assim como também a criança descobre relações importantes expressas pelo seu desenho em raio X. Ou na sua brincadeira de astronauta, de pesquisador, de super-herói,... (MARTINS, 1992, p. 12)

Devemos compreender a relevância do ensino de arte no processo de formação do indivíduo, independentemente de sua futura carreira. Isso envolve o desenvolvimento de uma consciência que permita enxergar além do óbvio, capacitando-o a encontrar seu lugar no mundo, a se conhecer, a desenvolver seus próprios valores e pensamentos críticos, a fazer escolhas e a recriá-los em sua própria existência.

As experiências que compartilho neste capítulo originam-se de uma oficina que participei como voluntária, realizada no ano de 2023, que me proporcionaram reflexões acerca das práticas de formação. Todos os dados são registros de minha memória, uma vez que não há ainda nenhum documento produzido no contexto da oficina.

Utilizei como referencial imediato, o plano de aula que a bolsista do projeto da oficina organizou (ANEXO 1) e o resumo que foi submetido para o integra⁵ (ANEXO 2). As fotografias que integram o relato foram produzidas por mim durante a oficina. Ao utilizar os dados documentais fornecidos em conjunto com os dados coletados por mim, foi possível a construção de uma percepção do processo criativo destes alunos.

A partir disso, os dados de observação coletados foram de extrema importância, pois fornecem evidências e informações sobre como o desenvolvimento da pesquisa ocorreu. Coletar dados com atenção serve para estabelecer fatos inquestionáveis que protegem a escrita de especulações não fundamentadas. Os dados nos conectam ao mundo real e, quando coletados de forma sistemática e rigorosa, conectam a pesquisa qualitativa a outras

⁵O maior evento de Ciência, Tecnologia, Inovação e Empreendedorismo do estado de Mato Grosso do Sul, que acontece na UFMS.

disciplinas científicas. Elas fornecem as informações necessárias para uma análise aprofundada dos aspectos da vida que estamos investigando (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

Na oficina, nunca estivemos sozinhas com os alunos; normalmente, duas ou mais colegas estavam presentes para atender às necessidades dos estudantes, orientá-los e fornecer o suporte necessário. Além disso, contávamos com a supervisão do professor ou professora em sala, que desempenhava um papel importante na supervisão da ordem na turma quando não conseguíamos captar a atenção dos alunos.

A proposta da oficina visa promover experimentações com materiais sustentáveis relacionados ao estado do Mato Grosso do Sul, por meio de artistas que trabalham com materiais extraídos da natureza, com pigmentos naturais, da aproximação da cultura local, entre outros meios. A oficina realizou-se como parte do projeto de extensão "Espaço da Arte na Educação", em colaboração com o PIBID⁶, na Escola Municipal Professora Gonçalina Faustina de Oliveira. Sua proposta teve um caráter integrador, complementando os conteúdos e atividades previamente abordados pelos membros do PIBID, que haviam explorado a temática dos pigmentos naturais em relação à Arte Rupestre.

A oficina aconteceu com alunos do 2º ano do ensino fundamental e foi dividida em duas partes. A primeira parte consistiu em uma sessão teórica, na qual proporcionamos uma compreensão abrangente dos processos da cerâmica, desde a modelagem até a queima, abordando a perspectiva das relações com a cerâmica indígena da etnia Terena. Dado que não fazemos parte da etnia Terena e, portanto, não poderíamos fornecer todos os detalhes do processo, apresentamos um vídeo intitulado "A arte Terena - Arlene Júlio Sebastião,"⁷ disponibilizado pelo canal no YouTube da Fundação de Cultura de MS. Nesse vídeo, os alunos tiveram a oportunidade de visualizar todo o processo enquanto era explicado por uma artesã e ceramista Terena.

Essa primeira etapa é fundamental para que os alunos compreendam e tenham suas dúvidas sanadas em relação ao que está sendo apresentado. Além disso, possibilita a apreciação do processo criativo ao longo da oficina, levando os alunos a considerarem as diversas possibilidades com o barro e a dedicarem atenção especial às suas criações. É um momento de observação, reflexão e, acima de tudo, prazer na realização. Nosso objetivo não é que eles simplesmente copiem ou pintem desenhos prontos em sala de aula, pois isso não

⁶ Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

⁷ Disponível em: <https://youtu.be/67nC0shDYnA?si=hfJ_SAduGvC0UU07>. Acesso em: 10 de novembro de 2023.

contribui para o desenvolvimento deles, trata-se de um processo que requer tempo e orientação por parte dos professores.

(...) o professor que trabalha com a arte precisa conhecer as noções e o fazer artístico e estético dos estudantes e verificar em que medida pode auxiliar na diversificação sensível e cognitiva destes. Nessa concepção, se quisermos contribuir para o desenvolvimento de potencialidades do aluno, devemos planejar e orientar as atividades pedagógicas de maneira a ajudá-lo a aprender a ver, olhar, ouvir, tocar, sentir, comparar os elementos presentes em seu mundo, tanto a natureza como também as diferentes obras artísticas e estéticas do mundo cultural.(FERRAZ; FUSARI. 2009, p. 30 - 31)

Como professora em formação, esses momentos me fazem perceber que não podemos ser egoístas, achando que sabemos de tudo ou que os alunos não têm nada para acrescentar. Se eu quero que os alunos compreendam o que desejam transmitir na sala de aula, também devo olhar para mim mesma, reavaliar minhas práticas de forma crítica para ser melhor do que fui anteriormente (FREIRE, 2021). No final, estarei ali para ensinar, sanar dúvidas e mostrar possibilidades para que eles possam, a partir do que ensinei, construir suas próprias produções.

Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho — a de ensinar e não de transferir conhecimento (FREIRE, 2021, p. 47).

A experiência que temos durante essas duas horas nos dá apenas uma ideia do que é possível levar para a sala de aula, nos possibilitando pensar em como poderíamos fazer uma aproximação com o conteúdo e a prática. Na oficina, além do vídeo sobre a cerâmica terena, foi apresentado um vídeo sobre a cerâmica "Cueraváperi"⁸, que está presente na cultura mexicana, onde os alunos puderam comparar cada cultura e ver suas diferenças, fazendo uma aproximação cultural, mostrando como é feita a coleta da argila, como é a preparação dessa argila para iniciar o processo da modelagem, suas pinturas e o processo da queima das peças.

Às vezes, achamos que os alunos não irão conseguir entender o que estamos apresentando, especialmente com uma turma tão jovem como o segundo ano. No entanto, a cada nova experiência, seja por meio de oficinas ou estágios, vejo o quanto tenho para aprender, não apenas com os professores presentes, mas também com os alunos. Essas

⁸ Disponível em: <<https://youtu.be/4ni0L3RXDZs?si=wOxdbhV-AAeBH0Yu>>. Acesso em: 10 de novembro de 2023.

experiências são valiosas e não devem ser ignoradas; elas merecem reflexão. Neste sentido, é fundamental enfatizar a importância desta pesquisa pela abordagem qualitativa na formação de um educador, pois:

(...) quando a abordagem qualitativa começa a fazer parte do treino dos futuros professores, facilita-lhes o tornarem-se observadores mais atentos do meio escolar como um todo, auxiliando a transformar sua formação num esforço mais consciente (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 285).

A segunda parte da oficina é prática, na qual os alunos foram levados ao laboratório de escultura para uma experiência direta com a argila vermelha (terracota). Neste momento, receberam orientações detalhadas sobre o manuseio da argila, aprendendo a explorar sua plasticidade e compreender sua textura. Isso visava evitar possíveis problemas nas peças durante o processo da queima, portanto, os alunos foram instruídos a amassar a argila cuidadosamente para eliminar bolhas de ar na massa, ao mesmo tempo em que se familiarizavam com o material.

Figura 7: Registro dos alunos manipulando a argila, 2023.



Fonte: Registro pessoal.

Logo em seguida, instruímos os alunos a abrir a massa com o rolo para dar início à proposta das placas. Durante essa etapa, os alunos puderam experimentar texturas e marcações na argila com palitos de madeira, folhas de árvore como carimbos naturais e

também utilizaram um engobe⁹ para pintar na argila (Figura 8). Este processo foi desafiador para alguns alunos, pois muitos aplicaram força em excesso, o que fazia com que a massa grudasse na bancada. No entanto, com paciência, explicamos como deveriam proceder para evitar que a argila grudasse tanto, mostrando que era necessário virar a massa e, assim que um aluno compreendia essa técnica ele prontamente auxiliava os colegas ao lado. Esse processo é necessário para que os alunos tenham um entendimento do material que se está usando, é necessário sentir, experimentar e assim entender suas plasticidades para conseguir criar algo.

Figura 8: Registro da aluna utilizando o engobe para pintar sua placa, 2023.



Fonte: Registro pessoal.

Foi uma oficina em que pude perceber que as crianças aprendiam rapidamente quando recebiam uma orientação apropriada, especialmente quando demonstravam interesse no assunto. Além disso, o sucesso da oficina também se deveu ao trabalho que a professora dos alunos já desenvolvia em sala de aula, pois eles demonstravam conhecimento prévio sobre o assunto e mencionavam decorações em cerâmica presentes em suas casas.

Enquanto produziam suas peças, os alunos comentavam sobre o processo e já imaginavam como ela ficaria após a queima (Figura 9). A cerâmica que estava sendo produzida não era algo sem significado; as crianças atribuíam valor e intenção ao que

⁹ Mistura de argila líquida, óxidos e outros componentes que pode ser aplicada em uma peça antes da esmaltação. Utilizado em peças cruas (ponto de couro), mas pode também de acordo com alguns ceramistas ser aplicado em peças que já passaram pela primeira queima.

estavam criando, envolvendo seus sentimentos, pensamentos e percepções no que estavam aprendendo e fazendo.

Ao ensinarmos as crianças, convém ter cuidado para não influenciar suas ideias e seus processos por conta de nossos valores pessoais. A investigação qualitativa possibilita uma maior autoconsciência em relação ao que realizamos dentro da sala de aula, pensando em como aplicar nossos valores em seus processos, uma vez que eles exercem influência não apenas sobre os alunos, mas também sobre nosso ambiente escolar. Conscientes de que temos potencial para sermos agentes de mudança, podemos assim promover uma educação transformadora (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

A maioria dos alunos planejavam apresentar suas peças para suas mães ou alguém que considerassem importante. Outros simplesmente desejavam levar suas criações para casa e mostrá-las à família. A ansiedade de ver as peças finalizadas eram grandes, mas eles entendiam que o processo era demorado e tinham a certeza de que, eventualmente, receberiam as suas peças.

Figura 9: Registro da peça de um aluno, antes e após a queima, 2023.



Fonte: Registro pessoal e registro disponibilizado pela professora.

É importante ressaltar que devemos valorizar todo o processo criativo da criança, ouvi-la e orientá-la quando necessário, sem interferir em sua criação ou impondo um padrão estético, sem dar "pitaco". Segundo Duarte Jr:

Portanto, não se pode encarar a arte infantil sobre o prisma da estética, ou seja, do ponto de vista da produção de objetos belos e harmoniosos. Antes, é preciso considerar o produto em relação ao caminho percorrido na sua elaboração; em relação à atividade significante e expressiva que lhe deu origem. (DUARTE Jr. 1981, p. 102)

Em cada oficina aplicada, observamos oportunidades de melhoria e a influência das características individuais de cada turma. Cada grupo traz consigo suas experiências para o processo criativo. Algumas crianças desfrutaram de conversas enquanto trabalham, debatendo a proposta apresentada, outras têm uma ideia clara em mente e se concentram profundamente, imersas em seu "mundinho" de ideias, organizando conceitos e referências à medida que exploram o material.

O "produzir" implica em construir com organização, em por ordem, em ter regras, em ter uma "lógica" própria, em perceber funções, em trabalhar com o objetivo, sozinho ou em grupo, em fazer com seriedade, em adaptar-se a ferramentas e instrumentos. As "idéias" completam essa relação no sentido da elaboração de conceitos e opiniões pessoais na busca de significados reais, da criação vinculada ao conceito ou ao imaginário, aclarando o pensar sobre o mundo. A competência é buscada também no querer fazer bem, em ser claro na recepção das suas construções de ideias (MARTINS, 1992, p. 19).

O processo fluiu de maneira satisfatória, não apenas devido à assistência dos voluntários e professoras presentes, mas também porque compreendemos profundamente o processo da cerâmica. Isso nos permitiu orientar todos os alunos, sanar suas dúvidas e ensiná-los conforme suas necessidades, especialmente quando desejavam explorar outras formas em suas placas. Essa abordagem ajudou a tornar o processo de construção das placas mais fluido e prazeroso, permitindo que os alunos se apropriassem dos conhecimentos apresentados e criassem trabalhos de forma sensível, cognitiva e criativa, através de matérias que estão disponíveis na natureza (FERRAZ; FUSARI. 2009).

Considerações

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi elaborado com base em minhas experiências e reflexões ao longo dos anos no curso de Artes Visuais - Licenciatura, na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Durante esse percurso, explorei ideias relacionadas aos processos criativos, buscando aprimorar minhas produções artísticas. Em um momento de desânimo diante do processo, percebi que a solução não estava apenas em aprimorar o que eu fazia, mas sim em ampliar minha visão de mundo, é pelo exercício da percepção que a criatividade aflora cada vez mais.

Os processos criativos nos instigam à autorreflexão, muitas vezes nos desafiando a sair de nossa zona de conforto e enxergar o mundo sob novas perspectivas, indo além de nossas visões preconcebidas. É uma jornada de autodescoberta, onde devemos explorar diversas possibilidades, técnicas e olhar um mundo com outros olhos, tentando ver nuances que antes passariam despercebidos. Cada indivíduo está em sua própria busca e tem a oportunidade de aprender com as pessoas ao seu redor, enriquecendo assim sua compreensão de si mesmo e do mundo que o rodeia (OSTROWER, 1995).

Neste sentido, compreender esses processos foi essencial para pensar em como aplicá-los na sala de aula, estimulando o interesse e a curiosidade dos alunos e nos preparando para as incertezas e desafios que esses caminhos podem nos apresentar. Buscando maneiras de provocar nos alunos um olhar sensível por meio das aulas, encorajando a participarem e estimulando a curiosidade enquanto apresentamos alguns artistas, obras, visitando museus ou em seu dia a dia. Devemos dar espaço para que esses alunos se sintam livres para se comunicarem durante as aulas, e gradualmente se apropriem desse conhecimento, permitindo que eles se recriem por meio dele, despertando sensações e sentimentos que antes não seriam possíveis sem esse contato (MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, 2010)

Através da arte e da educação, buscamos não apenas compreender a nós mesmos, mas também o mundo que nos cerca. Essa compreensão proporciona aos indivíduos a capacidade de desenvolver um pensamento crítico, cultivar valores e se tornar agentes de mudança na realidade que os cerca. Este trabalho representa uma jornada de exploração e descoberta no âmbito da arte e da educação, destacando a importância desses campos como ferramentas essenciais para o crescimento pessoal e a transformação. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da história.

Essa perspectiva ressalta que nossa existência vai além de uma mera adaptação ao mundo; somos agentes ativos, capazes de influenciar e transformar nossa realidade. Portanto, a arte e a educação desempenham um papel vital ao capacitar os indivíduos a se tornarem sujeitos críticos e ativos, permitindo-lhes moldar o mundo que os cerca e contribuir para a narrativa da história (FREIRE, 2021).

Referências

ARANHA, Graça. **O espírito moderno**. São Paulo: Editora Monteiro Lobato, 1925.

BOGDAN, Robert. C; BIKLEN, Sari. K. **Investigação qualitativa em educação**. Portugal: Porto Editora, 1994.

Comportamentos da jubarte. Projeto Baleia Jubarte, 2022. Disponível em: <<https://www.baleiajubarte.org.br/comportamentobaleiajubarte>>. Acesso em: 11 de setembro de 2023.

CARBONELL, Sonia. **Educação estética para jovens e adultos : a beleza no ensinar e no aprender**. São Paulo: Cortez, 2010. (Coleção questões da nossa época ; v. 10)

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **Fundamentos estéticos da educação**. São Paulo, Cortez Autores Associados, 1981. (Coleção educação contemporânea)

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 70ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FUSARI, Maria F. de Resende; FERRAZ, Maria Heloísa C. de T. **Metodologia do ensino da Arte: fundamentos e proposições**. São Paulo: Cortez, 2009.

MARTINS, J.; BICUDO, **pesquisa qualitativa em Psicologia**. Fundamentos e recursos básicos. 4ª edição. São Paulo: Editora Conexão Editorial, 2003.

MARTINS, Miriam Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Talles. **Teoria e prática do ensino de arte: a língua do mundo**. São Paulo: FTD, 2010.

MARTINS, Miriam Celeste; PICOSQUE, Gisa. Inventário dos Achados - **O olhar do professor-escavador de sentidos - 4 a. Bienal**. Porto Alegre: Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul, 2003.

MARTINS, Mirian Celeste. **Aprendiz da Arte: trilhas do sensível olhar-pensante**. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1992.

MERLEAU-PONTY, M. **Conversas - 1948**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

OSTROWER, Fayga. **Acasos e Criação Artística**. 8ª edição revista e ampliada. Rio de Janeiro: Elsevier Editora e Editora Campus, 1995.

OSTROWER, Fayga. **Acasos e Criação Artística**. 1ª edição - Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

OSTROWER, Fayga. **A construção do olhar**. In: NOVAIS, Aduino (Org.). O olhar. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Vozes, 1987.

PATTON, Paul. **Alien Minds Part III: The Octopus's Garden and the Country of the Blind**. Universetoday, 2016. Disponível em: <<https://www.universetoday.com/129257/alien-minds-part-iii-octopuss-garden-country-blind/>>. Acesso em: 13 de setembro de 2023.

READ, Herbert. **O significado da arte**. Portugal: Editora Ulisseia, 1968.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado: processo de criação artística**. 5. ed. São Paulo: Intermeios, 2011.

SALLES, C. A. **Redes da Criação: construção da obra de arte**. 2º ed. Vinhedo: Editora Horizonte, 2006.

SILVEIRA, Luciana. M. **Introdução a Teoria da Cor**. 2. ed. Curitiba: Ed. UTFPR, 2015.

Anexos

Anexo 1 - Plano de aula desenvolvido pela bolsista do projeto



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Plano de aula- Espaços da Arte

I. Dados de Identificação

Data: 28/ 08/ 2023

Escola: Escola Municipal Professora Gonçalves Faustina de Oliveira

Ano escolar: 2º

II. Tema da aula - Cerâmica- diversidade que o solo proporciona

III. Conteúdos: Materialidades

IV. Objetivos:

(MS.EF15AR04.s.04) Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais.

- Objetivo Geral: Conhecer e produzir cerâmica

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

- **Objetivo específico:** Conhecer o material argila e produzir peça.

- **Procedimentos metodológicos:**

Desenvolvido em colaboração com o PIBID na Escola Gonçalves, a proposta da oficina é desempenhar um papel integrador, complementando os conteúdos e atividades trabalhados pelos membros do PIBID. Durante o período anterior, exploramos a temática dos pigmentos naturais em conexão com a Arte Rupestre.

A abordagem da oficina "Espaços da Arte" se concentra também na pesquisa de materiais naturais. Nesse sentido, alguns dos pigmentos empregados para elaborar as cores das tintas foram extraídos de distintas tonalidades de terra. Com o objetivo de ampliar nossa exploração das possibilidades proporcionadas pela diversidade do solo, seguiremos adiante com a próxima etapa: a oficina de cerâmica com os estudantes. Utilizaremos as argilas vermelha (terracota) e marrom (creme), permitindo assim uma



contextualização da cerâmica em nosso contexto estadual, através da relação com a cerâmica indígena da etnia Terena.

O processo da oficina será dividido em duas partes distintas: uma parte teórica e uma parte prática.

Na etapa inicial, os alunos serão expostos a uma abordagem teórica do tema. Isso será conduzido por meio de uma apresentação multimídia que incluirá um PowerPoint informativo, assim como um vídeo que será comentado. O vídeo proporcionará aos alunos a oportunidade de visualizar o processo de construção e queima de peças cerâmicas através da perspectiva de uma ceramista da etnia Terena. Após essa introdução, haverá uma pausa para o intervalo destinado à alimentação dos alunos.

Após o intervalo, a parte prática da oficina terá início. Os alunos serão conduzidos ao laboratório de escultura, onde estarão dispostos em seus assentos. Cada aluno receberá um pedaço de argila. Nesse momento, o material será apresentado e instruções detalhadas sobre o manuseio serão fornecidas. O primeiro passo consistirá em "sovar" a massa de argila, não somente para se familiarizar com o material, mas também para eliminar eventuais bolhas de ar que, se não tratadas, podem danificar a peça durante a queima.

Após a etapa de preparação da argila, os alunos abrirão a massa com rolos. A partir desse ponto, serão encorajados a experimentar diferentes texturas e marcações na argila, utilizando folhas de árvore disponibilizadas para esse propósito. Depois de reconhecer o material e suas propriedades, receberão instruções sobre a construção de uma peça cerâmica, incentivando a inserção de elementos de sua própria identidade criativa. Ao finalizar a parte prática da oficina, será designado um período para que os alunos compartilhem suas experiências e sensações.

As peças criadas pelos alunos serão recolhidas ao término da oficina e submetidas à queima no forno da universidade. Uma vez concluído o processo de queima e o subsequente resfriamento, as peças serão devolvidas aos alunos.

Cronograma:

-8:20: Chegada dos alunos

-8:25: Apresentação do tema- teórica

-8:45: Intervalo para o lanche

-9:00: Visitação da GAAV

-9:20: Produção da Cerâmica-prática



Serviço Público Federal
Ministério da Educação

Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

-10:10: Conversa sobre as produções

-10:20: Recolher as peças

-10:30: Lavar as mãos e organização dos alunos

Link PowerPoint:

Link Vídeo: [A arte Terena - Arlene Júlio Sebastião](#)

- Recursos: PowerPoint, vídeo, argila, água, folhas, rolos, papel.

Referências

Currículo de referência de Mato Grosso do Sul: educação infantil e ensino fundamental / Organizadores Helio Queiroz Daher; Kalícia de Brito França; Manuelina Martins da Silva Arantes Cabral. Campo Grande : SED, 2019. (Série Currículo de Referência; 1)

Anexo 2 - Resumo do projeto que foi submetido ao Integra UFMS



FUNDAÇÃO
UNIVERSIDADE
FEDERAL DE
MATO GROSSO DO SUL



Da cor da terra, do carvão e do açafreão. Da forma do barro e da folha caída no chão: Criar tintas, fazer arte e viver à natureza.

Gabriella Correia **Barbosa**¹; Rozana Vanessa Fagundes Valentim de **Godoi**²;

ENEX-XXX

RESUMO – O projeto Espaços da Arte na Educação busca promover um diálogo abrangente sobre arte, cultura e sociedade, envolvendo artistas locais e nacionais, juntamente com estudantes do ensino fundamental (anos iniciais e finais) de escolas públicas de Campo Grande, parceiras do projeto. Na edição de 2023, propõe-se a interligação entre meio ambiente e expressão artística com pesquisas relacionadas a produção de pigmentos naturais, suas cores e a investigação e uso da cerâmica. O projeto visa temas relevantes socialmente e a educação ambiental tem ganhado um foco especial devido ao crescente interesse de professores de arte da educação básica e artistas de Mato Grosso do Sul nessa temática, além do necessário e permanente diálogo sobre o mundo em que vivemos, a natureza que nos cerca e a contribuição individual e coletiva na presença ambiental. A visão de democratizar o acesso à arte é concretizada por meio de oficinas abertas à comunidade, especialmente direcionadas a escolas públicas e instituições educativas. Estas oficinas são realizadas nas instalações da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), visando estreitar os laços dos estudantes com o ambiente acadêmico. Como percurso metodológico, está estruturado em duas etapas distintas e complementares. Inicialmente, os alunos participantes são apresentados a uma fase teórica, caracterizada pela amostra do tema, com imagens, vídeos e observação de pigmentos e cerâmicas, a fim de proporcionar uma imersão na experiência artística. Na sequência, inicia-se a produção artística em que os estudantes coletam materiais naturais como folhas, sementes, terras, legumes e observam texturas, cores, cheiros etc. Após a fase da coleta, trabalham tanto com a elaboração de pigmentos, quanto criam formas tridimensionais com as argilas. Ao final, realiza-se um diálogo sobre a experiência dos alunos, indagando como foi o processo de produção e o resultado alcançado, para que os alunos possam perceber que o meio ambiente não é algo separado da arte ou do ser humano, mas parte essencial de tudo o que produzimos, que a arte não precisa ser produzida com materiais caros prontos nas lojas, mas sim produzidos a partir do que possuímos ao nosso alcance. Nesse sentido, o projeto se desenvolve em conjunto com o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) - Área de Artes Visuais, cuja atuação abrange os níveis de Ensino Médio e os anos iniciais do Ensino Fundamental. Além disso, faz uma interlocução com o Programa Trilha Rupestre da UFMS.

Palavras-chave: arte; ensino fundamental; meio ambiente; experiência artística.



1 Bolsista extensão (PROECE): Graduação em Artes Visuais, FAALC, g.correia@ufms.br.
2 Orientador, FAALC.

Apoio: PAEXT/ PROECE/ UFMS

Referências

- [1] FERRAZ, Maria Heloisa C. de T. FUSARI, Maria F. de Rezende. Metodologia do ensino de arte: fundamentos e proporções. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2009
[2] REIGOTA, M. O que é educação ambiental. Taubaté, SP: Editora Brasiliense, 2017.

Marcela Milena Martins Romão

**Desenvolvimento da criatividade através do barro:
projeto de curso para o ensino de artes visuais**

Projeto de curso para o ensino de artes visuais, sob a orientação do/a Prof. Paulo César Antonini de Souza apresentado como parte dos requisitos para a aprovação no Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Artes Visuais – Licenciatura.

Campo Grande. MS
2023

APRESENTAÇÃO

Voltado para o 5º ano do Ensino Fundamental, esse Projeto de Curso para o Ensino de Artes Visuais tem como objetivo, por meio da cerâmica, desenvolver através da criação dos alunos uma maneira que possam representar sua própria identidade em suas criações. No contexto da pesquisa de meu Trabalho de Conclusão de Curso (ROMÃO, 2023), compreendo a arte como uma experiência sensível que amplia nossa percepção, moldando nossa maneira de ver, sentir e compreender o mundo de acordo com nossos interesses, permitindo-nos selecionar o que realmente nos toca profundamente.

Através da argila, os alunos têm a oportunidade de envolver seus sentidos e seus corpos, indo além da ação física, uma vez que essa ação também abrange seus pensamentos. Enquanto as crianças moldam a argila, elas mergulham num mundo de ideias, emoções, sensações, experiências e vivências, que se concretizaram nos trabalhos desenvolvidos em sala de aula. O educador deve considerar a importância dessas experiências no ambiente escolar, uma vez que, "a partir dessas vivências, os alunos conseguem aprender novas habilidades e saberes, tornando-os significativos e ampliadores de suas percepções e cognições a respeito dessas modalidades artísticas." (FERRAZ, FUSARI. 2009, p. 26)

Trata-se de promover uma educação significativa na qual o professor seja capaz de envolver o aluno e acompanhá-lo em sua jornada, ensinando-o a cultivar um olhar mais sensível. Isso implica encorajar a capacidade crítica e o desenvolvimento da própria identidade. Não almejamos estudantes que simplesmente reproduzem informações como máquinas, que frequentam as aulas e registram o que está sendo passado no quadro apenas por obrigação. No final, tais abordagens resultam em conteúdos sem sentido e falta de interesse por parte do aluno em compreender o que está sendo ensinado.

Meu papel fundamental, ao falar com clareza sobre o objeto, é incitar o aluno a fim de que ele, com os materiais que ofereço, produza a compreensão do objeto em lugar de recebê-la, na íntegra, de mim. Ele precisa se apropriar da *inteligência* do conteúdo para que a verdadeira relação de comunicação entre mim, como professor, e ele, como aluno se estabeleça. (FREIRE, 2021, p. 116)

Portanto, a partir dessas reflexões sobre os processos criativos dentro da sala de aula, foi escolhido o tema “Desenvolvimento de uma identidade através do barro”, para a realização desse projeto, pensando numa forma de estimular uma prática onde os alunos se recriem através dos conteúdos desenvolvidos no decorrer das aulas, e consigam se expressar

em suas criações, colocando algo significativo para eles. Pensando nessa prática, foram . Pensando nessa prática, foram utilizadas as habilidades do Plano de Ensino Anual de 2023, incluindo a habilidade (CG.EF15AR43.n), que tem como objetivo desenvolver a imaginação criadora, a expressão e a sensibilidade do indivíduo por meio das produções artísticas disponíveis em museus , livros, vídeos, encontros com artistas, entre outros recursos. A habilidade (CG.EF15AR56.n) envolve o conhecimento e o manuseio de diversos materiais, como lápis de cor, carvão, argila e outros, bem como materiais naturais como areia, água, argila, terra e outros, para explorar e experimentar as possibilidades oferece esses materiais em diferentes suportes. Por fim, a habilidade (CG.EF15AR61.n) propõe uma exploração e experimentação dos materiais que compõem uma obra em si, incluindo suas transferências, formas, estruturas, especializadas e técnicas utilizadas, abrangendo tanto as dimensões bidimensionais quanto tridimensionais.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

OBJETIVO GERAL DO PROJETO:

Compreender a cerâmica e seus processos através da teoria e prática, onde eles possam se apropriar dos conhecimentos adquiridos e desenvolver suas identidades por meio de suas próprias criações.

CONTEÚDO/TEMA GERAL:

Cerâmica

IDENTIFICAÇÃO DO ANO ESCOLAR:

5º ano do ensino fundamental

1 e 2 Aula:

Objetivos específicos:

- Compreender a cerâmica e seus processos.
- Apresentar três ceramistas e explorar suas identidades artísticas.
- Estimular a observação e discussão das obras do artista.

Conteúdo específico:

- Cerâmica

Procedimentos Metodológicos:

Iniciar a aula com uma série de perguntas para os alunos, como: “você sabem o que é a cerâmica? Já viram em algum lugar?”. Por meio das respostas, decorrerá de maneira breve resumo do percurso da cerâmica durante a história, mostrando como ele está presente nas mais diversas culturas e etnias. Em seguida, apresentar algumas peças cerâmicas produzidas por mim para que os alunos possam examiná-las de perto, tocá-las e conhecer a cerâmica de perto. Além disso, introduzir os materiais e ferramentas que são utilizados no processo de cerâmica, enquanto destaco os cuidados necessários ao manusear a argila.

Para ampliar a compreensão dos alunos em relação à cerâmica e demonstrar que sua aplicação vai além de objetos utilitários, serão apresentados três artistas ceramistas: Edmundo Campos, Fip Tonks, Andrea Lacet. Será discutido como cada um desses artistas aborda a cerâmica em seu trabalho, destacando suas identidades artísticas distintas e as técnicas que

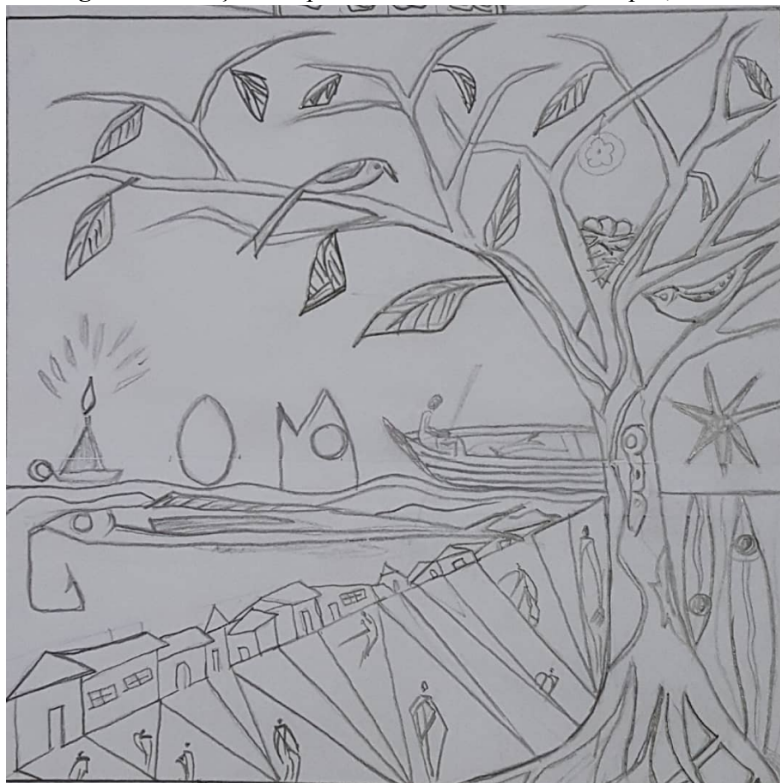
empregam. Isso permitirá que os alunos tenham uma visão mais abrangente das possibilidades da cerâmica como forma de expressão artística.

Figura 1: Edmundo Campos (Itajaí, 1952). PAINEL SOL/PEIXE. [?]. PAINEL de Cerâmica, [?] cm.



Fonte: Página do Edmundo Campos no Blogspot¹⁰.

Figura 2: Esboço feito pelo ceramista Edmundo Campos, 2020.



Fonte: Página do Edmundo Campos no Instagram¹¹.

¹⁰ Disponível em: <<https://ceramicaarte.blogspot.com/>>. Acesso em: 05 de novembro de 2023.

¹¹ Disponível em: <<https://www.instagram.com/edmundoceramica/>>. Acesso em: 05 de novembro de 2023.

Figura 3: Andrea Lacet (Recife, [?]), s/ título, 2022. Perua de Cerâmica, [?] cm.



Fonte: Página da Andrea Lacet no Instagram¹².

Figura 3: Fip Tonks (Barcelona, [?]). Twig, 2023, Cerâmica, [?] cm.



Fonte: Página da Fip Tonks no Instagram¹³.

¹² Disponível em: <<https://www.instagram.com/andrealacet/>>. Acesso em: 05 de novembro de 2023.

¹³ Disponível em: <https://www.instagram.com/tonks_pots/>. Acesso em: 05 de novembro de 2023.

Enquanto estiverem conhecendo e experimentando mexer com a argola, vou explicar a proposta das peças que os alunos irão criar após a visita ao ateliê da artista. Vou incentivá-los a fazer anotações sobre suas ideias e sobre o que desejam expressar em suas peças. As criações podem incluir, por exemplo, placas de cerâmica onde poderão desenhar, criar relevo, esculpir a argila para adicionar profundidade, entre outras técnicas. Eles também têm a liberdade de se inspirar nos personagens apresentados pelas outras duas ceramistas. O objetivo é que as peças criadas tenham significado pessoal para os alunos e sejam capazes de transmitir suas próprias experiências e emoções.

Recursos:

Projeter; slides; argila (terracota); estecas; palitos de picolé; rolo de PVC e peças de cerâmica.

3 e 4 aula:**Objetivos específicos:**

- Conhecer o ateliê da ceramista Andrea Lacet.
- Explorar a cerâmica na vida da artista, suas influências e seu processo criativo
- Vivenciar um momento junto à artista.

Conteúdo específico:

- Visita ao ateliê da ceramista Andrea Lacet.

Procedimentos Metodológicos:

No início da aula, darei orientações sobre a visita ao ateliê da ceramista, enfatizando a importância de os alunos estarem atentos e fazerem anotações sobre tudo o que acharem relevante para discutirmos em sala de aula posteriormente. Após a ceramista compartilhar seu percurso na cerâmica, permitirei que os alunos se sintam à vontade para fazer perguntas à artista sobre suas experiências, vivências e influências nesse caminho. É um momento importante para conhecerem de perto e refletirem sobre o que foi compartilhado pela artista, a fim de começarem a pensar sobre a peça de cerâmica que irão produzir.

Figura 3: Ateliê da ceramista Andrea Lacet, 2020.



Fonte: Página da Andrea Lacet no Instagram.

Figura 4: Ateliê da ceramista Andrea Lacet, 2018.



Fonte: Página da Andrea Lacet no Instagram.

Figura 5: Ateliê da ceramista Andrea Lacet, 2023.



Fonte: Página da Andrea Lacet no Instagram.

Recursos:

Transporte para o ateliê da artista; cadernos; lápis grafite; canetas esferográficas.

5 e 6 aula:

Objetivos específicos:

- Dialogar sobre a visita ao ateliê da ceramista Andrea Lacet.
- Desenvolver os sentidos e a percepção por meio da manipulação da argila.
- Associar conexões entre a criação e a expressão artística e os conhecimentos adquiridos.

Conteúdo específico:

- Criação das peças de cerâmica
- Cerâmica

Procedimentos Metodológicos:

Nesta aula, vamos retomar o assunto da aula anterior com os alunos e discutir as experiências dos alunos no ateliê da ceramista, trazendo questionamentos sobre o que eles

mais gostaram de saber e conhecer sobre a artista e seu ateliê, além de incentivar que compartilhem se fizeram anotações e/ou desenhos de algo que chamou sua atenção e se isso gerou alguma ideia para suas produções individuais. Após essa conversa, vamos distribuir a argila e as mesas estarão preparadas para que cada aluno comece a produzir suas peças. Estarei atenta a qualquer dúvida e ensinarei técnicas úteis com base na observação e nas dúvidas que surgirem durante a aula. É importante ressaltar que hoje será o único dia para fazer as peças, pois faremos a queima¹⁴ para que possam finalizar seus trabalhos na próxima aula.

Recursos:

Argila (terracota); estecas; palitos de picolé; rolo de PVC; palito de dente; saco plástico; isopor; pincéis de tamanhos variados; engobe¹⁵ de cores variadas; registro do processo artístico.

7 e 8 aula:

Objetivos específicos:

- Finalizar as peças de cerâmicas.
- Compreender a importância do processo artístico e da experimentação.
- Desenvolver uma ficha técnica na qual os alunos compartilharão informações sobre suas obras, inspirações e motivações artísticas.

Conteúdo específico:

- Montagem de exposição das peças de cerâmica.
- Cerâmica

Procedimentos Metodológicos:

Iniciar a aula entregando cada peça de cerâmica de volta para os alunos, enquanto falamos sobre o processo de queima. Também queremos ouvir o que eles acharam das últimas aulas, suas experiências, o que mais gostaram, suas dificuldades e como foi fazer essas peças, além de saber o que acharam do resultado. Vamos dedicar um tempo para ouvir com calma as ideias de cada um e entender o significado que essas peças têm para eles.

Além disso, vamos discutir sobre a montagem da exposição, como ela será feita e como os alunos deverão criar uma ficha de identificação para suas obras. Essa ficha será feita

¹⁴ Processo onde objetos feitos com massas argilosas se transformam em cerâmicas após receberem uma primeira queima de pelo menos 600°C. Ocorrer em fornos com calor produzido: à lenha, a gás ou elétricos.

¹⁵ Mistura de argila líquida, óxidos e outros componentes que pode ser aplicada em uma peça antes da esmaltação. Utilizado em peças cruas (ponto de couro), mas pode também de acordo com alguns ceramistas ser aplicado em peças que já passaram pela primeira queima.

à mão, utilizando papel cartão, e nela terá o nome do aluno, seu ano escolar, o título da obra (se houver) e um resumo das ideias por trás dela. Os alunos terão liberdade para enfeitar e desenhar a ficha da forma que acharem necessário. É importante ressaltar que cada aluno estará ciente de que deverá falar um pouco sobre suas criações para as pessoas que vierem visitar a exposição.

Cada aluno receberá uma base de madeira para colocar suas criações, e eles terão a liberdade de enfeitá-la da forma que desejarem. Essas bases serão colocadas em cima das mesas, que servirão como apoio para a apresentação das peças à comunidade escolar. Ao lado de cada peça, serão colocadas as fichas técnicas, contendo um resumo das ideias por trás de cada obra.

Recursos:

Tinta guache; tinta acrílica; pincéis de tamanhos variados; bases de madeira; papel cartão; canetinha hidrográfica; marcador permanente; tesoura; cola branca; registro do processo artístico.

9 e 10 aula:

Objetivos específicos:

- Socializar e apresentar as peças produzidas para a comunidade escolar.
- Analisar as peças de cerâmica produzidas.

Conteúdo específico:

- Exposição das peças de cerâmica e roda de conversa pelos alunos

Procedimentos Metodológicos:

As duas últimas aulas serão dedicadas à finalização da organização da exposição, com a arrumação da sala e das peças nos lugares escolhidos. Dessa forma, poderemos abrir a sala para que a comunidade escolar possa conhecer os trabalhos dos alunos. A exposição será realizada em um dia que tenha reunião de pais e mestres, permitindo que as famílias também tenham a oportunidade de apreciar os trabalhos dos alunos.

Recursos:

Peças de cerâmica dos alunos; fichas técnicas; registro do processo artístico.

AVALIAÇÃO

A avaliação será realizada levando em consideração as anotações e desenhos de ideias, momentos das aulas, pontos importantes anotados em seus cadernos, além das discussões realizadas em sala de aula. Será analisado como assimilaram os conteúdos apresentados, utilizando-os para se expressar por meio de suas obras, o cuidado no manuseio dos materiais e a atuação individual e coletiva durante esses processos. Também será considerada a autoavaliação, que indicará o desenvolvimento de cada aluno, mostrando suas capacidades de reflexão e crítica não apenas em relação ao seu próprio trabalho, mas também ao trabalho de seus colegas (FERRAZ; FUSARI, 2009).

Além da avaliação do alunos, acrescento ainda uma avaliação para mim, afinal como aponta Luckesi (2011):

(...) focar a atenção só no desempenho do educando pode trazer muitos enganos, desde que a fonte dos impasses pode estar assentada em outros componentes (variáveis) da ação que não só a responsabilidade de estudo e aprendizagem por parte do educando. Desse modo, importa focar tanto o individual quanto o coletivo; tanto o estudante quanto a turma e o sistema. (LUCKESI, 2011, p. 245)

Considerando que a educação não depende apenas dos estudantes, mas também dos educadores, é importante que estes reavaliem constantemente suas aulas anteriores, levando em conta a participação dos alunos, a fim de aprimorar o desempenho da prática educativa em nossas salas de aula.

Recursos:

Caderno de anotações; fichas técnicas; apresentação feita pelos alunos; trabalho finalizado e registros do processo artístico.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 70ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FUSARI, Maria F. de Resende; FERRAZ, Maria Heloísa C. de T. **Metodologia do ensino da Arte: fundamentos e proposições**. São Paulo: Cortez, 2009.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da Aprendizagem Escolar: Estudos e Proposições**. 22ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ROMÃO, Marcela M. M. **O conhecimento sensível no ensino de artes visuais**. 2023. Monografia (Graduação em Artes Visuais Licenciatura) - Curso de Artes Visuais Licenciatura – Faculdade de Artes, Letras e Comunicação, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2023.